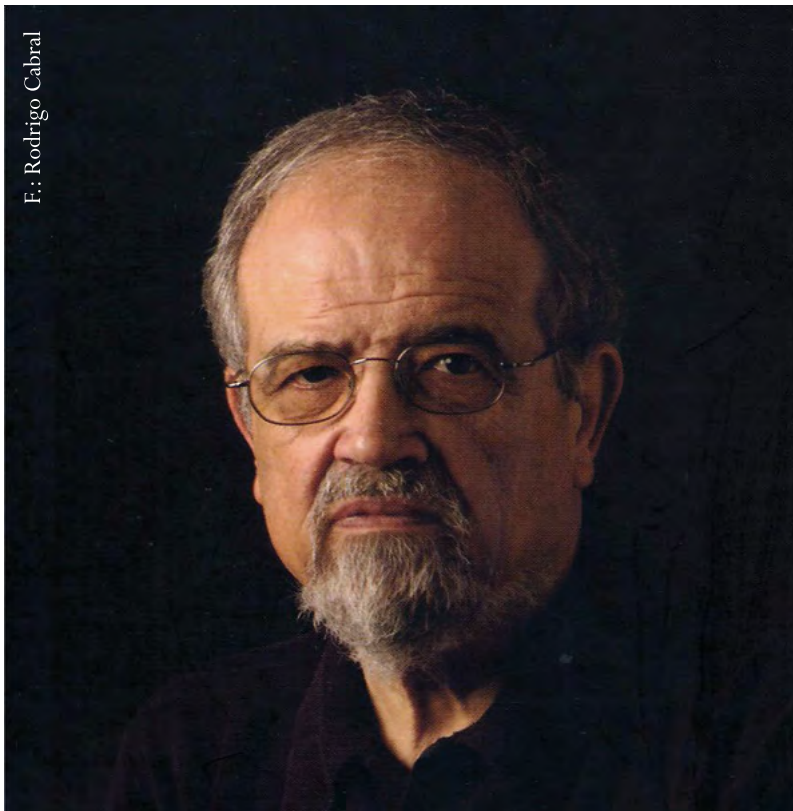


F.: Rodrigo Cabral



Adalberto Alves

Assinalando quatro décadas desde a publicação do livro de poemas *Uma Obscura Visão* (1979), esta mostra pretende dar conta das múltiplas dimensões da obra e da figura do poeta, tradutor e estudioso português Adalberto Alves (1939-). Constituída por documentos da Biblioteca Nacional de Portugal e do arquivo privado do autor, a mostra *Adalberto Alves – 40 anos de vida literária* destaca, entre outras, principalmente as áreas da poesia e dos temas árabes e islâmicos em Portugal.

No campo da poesia, à mencionada obra, seguiram-se, *O Gume e o Tempo* (1982), *Oriente de mim* (1992), *A noite do destino* (1993), *Irão – Viagem ao país das rosas* (2007), *No vértice da noite* (2008), *A aparição do tempo* (2015), *Volver ao presente* (2017), *Navegação imperfeita* (2017), *Os indícios da palavra* (2017), *A urgência do impossível* (2018), *Os dedos (trans)lúcidos do escrevinhador* (2019), *O que da pena escorre* (2019), *Sonhando sob as estrelas* (2019) e *O passo da montanha* (2019).

Já a partir destes títulos, nota-se a presença do imaginário «oriental» (*Oriente de mim*; *Irão – Viagem ao país das rosas*), assim como de aspetos do universo simbólico e espiritual da cultura islâmica, como é o caso de *A noite do destino*, explícita referência à expressão árabe *laylat al-qadr*, que na tradição islâmica designa a

40 anos de vida
literária

noite na qual Muḥammad (Maomé, profeta do Islão) recebeu a primeira revelação do Alcorão, pelo anjo Gabriel, em Meca, no ano de 610. A espiritualidade islâmica e universal, assim como a poesia espiritualista de Teixeira de Pascoas, serão, pois, duas das influências nos versos de Adalberto Alves, que frequentemente refletem a meditação do autor sobre a dimensão mística da vida e da própria palavra poética:

*tudo tem a sua verdade eterna:
uma erva uma pedra, uma galinha.
tudo esconde uma adivinha:
qu'Enigma nos vê e nos governa?*

In Os indícios da palavra

A paixão pelo chamado Oriente, assim como pelos árabes, nasceu durante a infância de Adalberto Alves, através do cinema, da leitura de romances de aventura e dos contos d'*As mil e uma noites*, sendo alimentada, ao longo das décadas, por incansáveis estudos e através de numerosas viagens ao dito mundo islâmico. Durante uma destas deambulações, nomeadamente a Tetuão, já na fase adulta da sua vida, o poeta refere ter vivido uma verdadeira «epifania cultural», ao descobrir-se como «um homem do Oriente, expatriado no Ocidente». Tal o levará a dedicar-se com cada vez mais diligência ao estudo da língua e da cultura árabes, bem como da espiritualidade islâmica, e sobretudo da herança delas em Portugal, através do foco no período islâmico da Península Ibérica, outrora designada al-Andalus (711-1492).

Com efeito, o ritmo de publicação de livros de poemas sofre um abrandamento, entre as décadas de 1980 e 1990, períodos durante os quais Adalberto Alves se devota, sobretudo, e assiduamente, aos temas árabes e islâmicos, vindo a desempenhar um importante papel na interpretação e na divulgação do legado árabe e islâmico em Portugal. Neste contexto, no que respeita à tradução, assinalam-se *O Meu Coração é Árabe – A poesia luso-árabe* (1987), *Al-Mu'tamid – Poeta do destino* (1996)¹ e *Ibn 'Ammâr al-Andalusî – O drama de um poeta* (com Hamdane Hadjadji, 2000). Nas obras mencionadas, Adalberto Alves foi tradutor – ou melhor, «transcriador», como o próprio se autointitula – de poetas árabes do ocidente ibérico (*Gharb al-Andalus*), do período islâmico medieval.

Tratam-se de títulos que em Portugal se afirmaram como referências para a redescoberta e para a difusão deste importantíssimo património literário,

¹ A mostra *Adalberto Alves - 40 anos de vida literária* decorre no mesmo período da mostra *Al-Mu'tamid - poeta do Gharb al-Andalus*, dedicada, na própria BNP, ao poeta Al-Mu'tamid (1040-1095), ao qual Adalberto Alves dedicou vários estudos, traduções e conferências.

intelectual e linguístico, cujo impacto, nas mundividades e nas culturas lusa e lusófonas, é testemunhado ainda pelo *Dicionário de arabismos da língua portuguesa* (2013) e por estudos e ensaios como, entre outros, *Arabesco – Música árabe e música portuguesa* (1989), *Portugal e o Islão – Escritos do crescente* (1991), *Portugal – Ecos de um passado árabe* (1999), *A Herança árabe em Portugal* (2001) e *Em busca da Lisboa árabe* (2007).

À mencionada dimensão místico-esotérica do Islão, e à presença dela no ocidente peninsular medieval, o autor dedicou *As Sandálias do Mestre – Em torno do sufismo de Ibn Qasí nos começos de Portugal* (2001) e *Portugal e o Islão iniciático* (2007), obras que têm contribuído de forma significativa para a (re)descoberta e a divulgação, em Portugal, de aspetos da dimensão mais interior e autêntica da espiritualidade islâmica, comumente designada como Sufismo. Nesta, assim como em outras áreas, o trabalho de Adalberto Alves tem impulsionado o debate e ainda o interesse de leitores, estudiosos e artistas, sobre um património que tinha sofrido uma certa marginalização no circuito cultural português. Devedor do trabalho realizado por arabistas e historiadores portugueses, entre os quais Garcia Domingues e António Borges Coelho, Adalberto Alves aprofundou o legado islâmico em Portugal, conseguindo um seu incontornável papel de embaixador e defensor cultural do mesmo.

Advogado de profissão e jurista, autor interdisciplinar e multifacetado, independente e mecenas de si próprio, Adalberto Alves tem sido protagonista de um notável esforço de autodidatismo, movido por uma paixão obsessiva, vivida como uma verdadeira missão para dar a conhecer e desmistificar, em Portugal, as culturas árabes e islâmicas. Este trabalho foi desenvolvido em prol de um recíproco reconhecimento entre religiões e culturas, em tempos de controversas narrativas identitárias e civilizacionais e num contexto em que os estudos árabes e islâmicos, ainda em inícios do século XXI, não se encontram suficientemente apoiados e estruturados a nível institucional, inclusivamente académico.

Como consequência e reconhecimento do seu mérito nestes campos de interesse, em 2008 foi atribuído a Adalberto Alves o Prémio UNESCO-Sharjah para a Cultura Árabe, conferido a «indivíduos, grupos ou instituições que, através do seu trabalho e realizações notáveis, se esforçam para disseminar um maior conhecimento da arte e da cultura árabes».

Para além da poesia e da vertente arábico-islâmica, a mostra ressalta outros aspetos relevantes da personalidade e da obra do autor, que contribuem para

revelar o seu humanismo intrínseco. É o caso da sua íntima ligação à música, que constitui um interesse surgido no contexto familiar e que sempre o acompanhou, inclusivamente através do cultivo não profissional do canto operático. Talvez seja por causa desta sensibilidade musical que as suas traduções de poetas árabes foram escolhidas, em várias ocasiões, para serem utilizadas como letras de obras musicais, quer clássicas, quer contemporâneas.

Além disso, destacam-se o interesse e o ativismo de Adalberto Alves, nos campos da zoologia e da ecologia, assim como a sua intervenção pública sobre questões políticas e de atualidade. Tal denota uma continuidade com a sua atividade de advogado durante o regime salazarista, que lhe impediu a entrada na função pública até ao 25 de abril, tendo Adalberto Alves defendido personalidades consideradas adversas ao regime no contexto do Tribunal Plenário.

Ao comentar a sua obra multifacetada e a sua vida de paixões intelectuais, artísticas e civis, Adalberto Alves afirma, com um tom de modéstia e ao mesmo tempo de provocação, «sempre fui amador em tudo, no sentido de *aquele que ama*». Através desta mostra, pretende-se, pois, dar a ver alguns frutos de um grande amor, incansavelmente dirigido à cultura, à humanidade e aos leitores. Como escreve o poeta:

*do cais do sonho ninguém parte
e todos se amarram ao meu molhe
por isso ele se expande e se reparte:
ao amor nada o limita ou tolhe.*

In O que da Pena escorre

Lisboa, dezembro de 2019 – fevereiro de 2020

Fabrizio Boscaglia
Maria João Cantinho
Hugo Maia

